

Moção Aberta - Tópicos de preparação da Moção A

UMA FORÇA, MUITAS LUTAS

A maioria absoluta é um governo de desgaste rápido que mantém privilégios e opacidade enquanto agrava a desigualdade e o empobrecimento do povo. Os riscos da situação mundial impõem rupturas sistémicas e políticas de garantia e estabilização das condições de vida. A solução para este aparente paradoxo é construída, por toda a Europa, na proposta da esquerda e na ligação das lutas.

Lutamos para viver bem

1. A ideia de felicidade exige o bem-estar coletivo. A vida boa é casa confortável, trabalho digno, serviços públicos de qualidade e tempo para desfrutar a vida num planeta habitável. A vida boa requer condições materiais para uma existência digna, mas é mais que isso. É a segurança do futuro não ser uma ameaça, é a tranquilidade de um lugar na sociedade que não depende da competição com outras pessoas, é a autodeterminação sobre o queremos ser e o respeito por essa escolha.
2. Um modelo social em que realização e conforto são reservados a algumas pessoas é uma falácia que produz uma sociedade doente. O crescimento económico e a produção de riqueza, sem precedentes, não trouxeram a vida boa, mas um mundo à beira do colapso climático e social, à medida que as desigualdades se aprofundam. A promessa de prosperidade feita aos povos pela globalização neoliberal era falsa. O capitalismo é uma máquina de destruição das nossas vidas.
3. O mundo produz conhecimento e riqueza suficientes para resolver todos os seus problemas. Todavia, precariedade e baixos salários, pobreza e degradação dos serviços públicos, produção assente em energias fósseis e exaustão da natureza, tudo isso são políticas feitas de elites para elites, sob o signo da acumulação do capital e da chantagem da crise permanente, justificadas pela retórica que apresenta o bem-estar como um prémio aos melhores. O capitalismo é a miséria.
4. É na ruptura com estas falsas inevitabilidades que pode aspirar-se à justiça social e à vida boa, o único futuro compatível com os limites do planeta. Esse plano democrático, esse mundo organizado noutras bases, essa alternativa à exploração e desigualdade tem um nome: socialismo.

O negócio da crise

5. Nenhum dos perigos radicais que assolam a humanidade é de origem natural.
6. No pós crise financeira, a recuperação das taxas de rentabilidade do capital fez-se através da criação de novos ativos financeiros que absorvem a liquidez em excesso produzida pelos bancos centrais e alimentam novas bolhas especulativas. Bens e serviços essenciais (alimentos, cuidados de saúde ou habitação) são atraídos na voracidade dessa dinâmica, da qual Portugal é um caso de estudo. A transformação da habitação num ativo financeiro fez com que o seu preço duplicasse em menos de uma década, tornando-a um custo inabarcável para a maioria da população. Apesar das promessas do Governo, 50 anos depois do 25 de abril, pagar uma casa para viver tornou-se num fator de empobrecimento generalizado, de deslocação forçada e mesmo de miséria. A habitação é a prova de que o liberalismo é uma selva onde não há lugar à justiça ou à igualdade.
7. Não se corrige esta dinâmica destruidora sem limitar a especulação, proteger o arrendamento e limitar rendas, desglobalizar fluxos financeiros, fechar offshores, impor o controlo público da banca e regras estritas contra especulação imobiliária.
8. A crise climática é filha da opção, consciente desde há décadas, por modelos energéticos, de produção e de transporte que provocam alterações climáticas irreversíveis.
9. O risco nuclear é exponenciado pela guerra na Ucrânia, nação atacada pelo expansionismo russo num contexto de militarização do Leste da Europa por via da NATO, e pela proliferação de governos de perfil nacionalista imperial em diversas potências regionais.
10. O risco pandémico persiste, associado à ação humana, seja na origem (desflorestação ou produção intensiva de proteína animal favorecem formação e propagação de novas doenças), seja no atraso do combate sanitário (mantendo as vacinas sob patente privada).
11. A chamada policrise fabrica os maiores ganhadores da história humana. Os bilionários festejam sobre ruínas.

Por uma viragem na Europa

12. Projeto de poder das transnacionais e das elites financeiras dos países do norte do continente, a União Europeia confronta-se com os limites impostos pelos seus tratados. Em face da pandemia e da guerra, além da colagem militarista a Washington e do abandono das metas climáticas de Paris, manteve-se a resposta social em patamares baixos face às novas necessidades, mesmo estando suspensas algumas das regras do Tratado Orçamental. Agora, as instituições

européias vão regressando às respostas austeritárias: uma política monetária crescentemente restritiva, com efeitos na economia e finanças públicas (mais graves nos países sobreendividados) e uma revisão das regras de governação que mantém e aumenta todos os problemas dos tratados, piorando o quadro sancionatório e conferindo maior arbitrariedade à Comissão para pressões sobre despesa pública. É necessário mudar os tratados e criar um quadro de cooperação que termine a chantagem das dívidas soberanas, que devem ser reestruturadas.

13. Este impasse europeu é o palco de uma disputa entre a direita radicalizada (que já governa em países como a Itália, a Polónia e a Hungria) e o liberalismo de centro e de direita (que resiste cada vez pior nos países centrais da União, a Alemanha e a França). Com raras exceções, a relação de forças degradou-se contra a esquerda.
14. A NATO protagonizou agressões ao serviço dos interesses norte-americanos, na Síria, Jugoslávia ou na Líbia e, tendo sido derrotada no Afeganistão pelos seus antigos aliados talibãs, conseguiu recuperar com o alargamento do seu âmbito muito além dos Estados membros, em particular na Europa de Leste.
15. A existência de uma hegemonia global dos EUA não altera a natureza imperialista da agressão russa à Ucrânia, que o Bloco condenou com a mesma clareza com que, ao longo dos anos, denunciou o regime de Putin. Deste, a esquerda nada pode esperar senão a ditadura oligárquica e a aventura belicista. O Kremlin contribuiu para o reforço da NATO e da estratégia norte-americana de confrontação com a China e subordinação da Europa e projetou o governo autoritário da Turquia como pivô mediador de conflitos entre imperialismos.
16. A cooperação entre Estados europeus é um elemento importante de uma estratégia de contenção da extrema-direita, na condição de uma viragem democrática na soberania dos povos, no desenvolvimento dos direitos sociais e na planificação ecológica. Só um tal projeto estará à altura de ser agente de uma estratégia de paz no continente, autónomo face às pretensões de hegemonia dos Estados Unidos da América e da NATO. A UE deve realizar uma viragem estabelecendo tratados de não-agressão entre estados europeus e de recusa de alinhamento em disputas entre potências, criando uma política de segurança e cooperação que respeite e apoie a realização do direito de todos os povos à autodeterminação.
17. O Bloco reitera o seu apelo à realização de uma Conferência de Paz para a Ucrânia, sob o impulso da ONU e da União Europeia, acompanhada de uma travagem a fundo na atual corrida armamentista.

Esvaziar a direita radicalizada

18. A tentação autoritária da direita é parte da sua estratégia de aceleração liberal. Este conservadorismo de assalto - censório, repressivo, racista, anti-feminista, homofóbico e anti-sindical - é a política dos bilionários para aumentar privilégios a partir de um programa de desregulamentação e privatização assente em ideologia individualista e na negação da realidade (climática, sanitária...). Por detrás do slogan “contra o sistema” está o que o sistema tem de pior.
19. O golpismo é parte da cultura política do modelo Trump/Bolsonaro, com fracassos estrondosos no recurso à violência e sucessos históricos na instrumentalização do poder judicial.
20. A direita tradicional concilia com a extrema-direita, não apenas assumindo as suas plataformas programáticas, mas aceitando mesmo ser o seu veículo para posições de poder (Açores). O PSD não concebe uma alternativa de governo sem o apoio da direita radicalizada.
21. Há na esquerda europeia respostas distintas sobre como travar o crescimento da direita radicalizada. Para algumas forças, a esquerda deve suspender o seu projeto próprio a favor de um bloco político permanente com o centro liberal (leque diversificado de forças que vai do PS português a Macron em França). Pelo contrário, partidos como o Bloco de Esquerda defendem que a derrota da direita radicalizada depende da afirmação de um programa autónomo, que responda à maioria social com políticas transformadoras e de planificação ecológica. A resposta estratégica da esquerda socialista do século XXI - sobrevivência e solidariedade - assenta no confronto com a lógica da acumulação de capital que deixa atrás de si um mar de ressentimento.
22. A base de massas da política do ódio e do individualismo forma-se a partir da crise de representação que o sistema oligárquico engendra. O confronto com a direita radicalizada faz-se na luta pela expansão dos bens comuns - serviços públicos universais como instrumento de justiça social, proteção do trabalho e do seu rendimento, libertação como o projeto das comunidades que hoje sofrem a economia de exploração e quaisquer formas de discriminação. A política unitária da esquerda faz convergir esses confrontos civilizacionais.
23. Estes objetivos estratégicos são corroídos pela política do centro liberal, subjugada à lei europeia do mercado. Esta política afirma reconhecer os problemas dos nossos tempos, da habitação ao clima, mas não pode responder-lhes dentro das fronteiras que se autoimpõe. Esta contradição destrói o apelo da democracia e abre o caminho ao extremismo regressivo. Contra o racismo e as discriminações, a esquerda luta pela democracia e procura a unidade com quem resista à cultura de ódio da direita que se radicaliza.

Liderar a oposição

24. A má política da maioria absoluta fragiliza-a pela exibição da arrogância política e da desigualdade social, mas o seu alicerce no poder económico continua sólido. Em troca de uma contra-reforma fiscal, o patronato ofereceu ao governo o slogan do acordo social; os grandes grupos do imobiliário e do turismo não lhe poupam elogios; a banca e a grande distribuição alimentar sabem como se livraram do imposto extraordinário sobre lucros oligopolísticos; os empresários da energia saudaram a promoção do secretário de Estado a ministro das Infraestruturas. Desde 2019 que Costa faz do bloqueio da legislação laboral o ponto de honra contra a esquerda. Tornou-o na linha vermelha que, a par do abandono da Saúde, afastou entendimentos à esquerda em nome da procura da maioria absoluta. Agora, em plena turbulência, os donos de Portugal são o cinto de segurança do governo.
25. A sucessão de escândalos que degradou o governo no seu primeiro ano de maioria absoluta voltou a levantar a exasperação popular com as falhas de transparência no exercício de cargos políticos, não só quanto a incompatibilidades mas também quanto à obrigação de esclarecimento cabal de situações obscuras. Como sempre, o Bloco de Esquerda não hesita no combate à promiscuidade entre público e privado e entre política e negócios. As facilidades com o poder económico não são pecados individuais, são a política de um sistema que inclui a mesma extrema-direita que, financiada por grandes grupos económicos, só pretende transformar o combate à corrupção num refrão vazio.
26. Uma direita fragmentada e o crescimento do Chega forneceram a fórmula eleitoral para a maioria absoluta, daí o empenho do primeiro-ministro em promover a polarização com a extrema-direita. O PS está empenhado em fazer crescer o Chega, esperando receber do voto assustado o seu seguro de vida.
27. Ainda que protegido no parlamento, o governo é fraco. Precariedade e salários baixos mantêm-se como regras, a pandemia deixou o SNS em rutura e o bullying social sobre os professores fez o mesmo às escolas; as pensões foram as primeiras vítimas da maioria absoluta e a sua redução marcou o início do descrédito; das promessas sobre habitação sobra apenas desespero.
28. A maioria absoluta não passou pelo estado de graça pós-eleitoral e a própria viabilidade da legislatura passou a estar em questão após uma infundável sucessão de escândalos típicos do PS inchado. António Costa manda - mais do que nunca -, mas o seu bloco partidário entra em desagregação.

29. Ao contrário do que sucedeu entre 2015 e 2019, as expectativas são hoje de degradação das condições de vida, a começar pela desvalorização dos salários pela inflação e pela especulação imobiliária. Sob a maioria absoluta, cedo ficou claro que qualquer conquista sairá da intensificação da luta social. O PS chegou onde queria, tendo mãos livres para os seus negócios com as associações patronais.
30. O Bloco de Esquerda será a mais forte oposição ao governo, por ser a força da esquerda que representa a democracia contra a desigualdade e o ecossocialismo contra a destruição. A nossa força será a das mobilizações cidadãs por justiça social e a do nosso programa de governo, que lhes responde neste tempo exigente.

Combates da esperança

31. O Bloco de Esquerda afirma a centralidade social da contradição capital/trabalho e não se arrepende de ter traduzido esse reconhecimento na opção de colocar a exigência da recuperação da legislação laboral no primeiro plano da luta com o governo. Do mesmo modo, o Bloco tem a responsabilidade de ser, como já é, uma esquerda de referência para as lutas, mas também um promotor direto da sindicalização e da renovação da experiência de auto-organização da classe trabalhadora.
32. O movimento internacional por justiça climática, dos mais atingidos pelo refluxo sob a pandemia, tem recuperado iniciativa também em Portugal. O Bloco acompanha todos os processos que contribuam para ampliar as alianças e aprofundar a crítica anticapitalista da luta climática, em nome da planificação ecossocialista para travar a catástrofe.
33. Ameaçados de ruptura, os serviços públicos têm a sua primeira linha de defesa na luta dos seus profissionais. Para além de legítimas reivindicações, os profissionais da saúde e da educação - e da administração pública, em geral - dão testemunho da natureza essencial destes serviços universais, condição da democracia. A luta dos professores é disto exemplo, ao levantar questões que vão muito além das justas reivindicações dos docentes. O Bloco empenha-se na elevação da luta pelos serviços públicos a um movimento popular transversal.
34. Os últimos anos foram marcados por mobilizações importantes e que ganharam uma regularidade nova, na emergência de uma geração feminista, na capilaridade territorial das marchas LGBTQI+, na visibilidade ativista de comunidades racializadas. No seu conjunto, estas lutas pela igualdade - tal como os movimentos pelos cuidados ou pelos direitos das pessoas com deficiência e das pessoas

imigrantes - são desafios de civilização e uma potente barreira contra a reação conservadora.

35. O Bloco empenha-se nas lutas em defesa do bem-estar animal, que hoje envolvem milhares de pessoas em todo o país numa crítica cujos fundamentos éticos concernem comportamentos individuais mas também o modelo de produção, designadamente alimentar.
36. O papel do ativismo bloquista é o esforço sistemático para que todos estes e outros movimentos se reforcem, desenvolvam estruturas permanentes e solidariedades assentes na compreensão partilhada das estruturas de dominação do capitalismo e construam as suas lutas para uma nova liderança social no país.
37. Na habitação, na saúde, na energia, na legislação laboral, é a maioria absoluta que comanda a aplicação da receita liberal. No parlamento como nos movimentos, tanto no plano nacional como no plano local, o Bloco contribui para a convergência de todos os setores políticos da esquerda que expressam a rejeição do governo que cria desigualdade. Neste plano, sem mitigar conhecidas diferenças - em matéria internacional ou quanto a práticas que prejudicam o desenvolvimento dos movimentos sociais, em particular o sindical) - o Bloco continuará a procurar convergências políticas à esquerda, com o PCP e com outras forças.

Organização partidária

38. O debate da Convenção acolherá as 851 camaradas que nela participarão pela primeira vez. A continuação do crescimento do Bloco é a prova da sua vitalidade e da necessidade de uma esquerda de confiança.
39. O Bloco reforçou a sua atividade organizada em algumas frentes. Destaca-se, no pós-pandemia, a frente laboral, com o início da publicação de diversos boletins partidários, correspondendo à ampliação da intervenção regular junto de trabalhadoras e trabalhadores das telecomunicações, da saúde e da educação, da segurança privada. Destaca-se também a frente LGBTQI+, cujo encontro nacional de fevereiro confirma a grande responsabilidade de bloquistas na dinamização do movimento em diversos distritos. É a participação ativa dos aderentes que permite aprender com as lutas sociais e nas lutas sociais.
40. A redução do financiamento público, na sequência dos resultados eleitorais de 2022 impôs uma exigente adaptação da estrutura partidária. A atividade militante e o maior esforço financeiro de muitos camaradas permitiu que o Bloco mantivesse padrões de iniciativa política, de acompanhamento organizativo no território e também de comunicação, mesmo que com limitações. Em particular, o reforço do

auto-financiamento do partido (quotas e iniciativas) é uma mudança de cultura interna que deve aprofundar-se.

41. Nas eleições para as assembleias legislativas das regiões autónomas dos Açores e da Madeira, o Bloco é a alternativa autonómica solidária à coligação de interesses da direita extrema e da extrema-direita e ao imobilismo do PS. Ainda este ano, o regresso do Bloco à Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira reforçará os combates da esquerda e a oposição à promiscuidade entre o setor público e os poderosos grupos privados da Região. Nos Açores, a deserção do PS deixou ao Bloco a responsabilidade de liderar a oposição ao governo de todas as direitas. As eleições de 2024 serão o momento de afirmação da nossa alternativa de esquerda.
42. O Bloco conta com dezenas de ativistas autárquicos, eleitos em assembleias de freguesia, municipais e nas Câmara Municipais. Vozes empenhadas na defesa dos serviços públicos, da revolução urgente na mobilidade, na democratização da vida local e de fiscalização da administração e interesses locais. Nos próximos dois anos, os órgãos do Bloco promoverão debates alargados sobre a intervenção do partido nas autarquias, identificando exemplos positivos e formas de trabalho a melhorar.
43. A maioria das adesões recebidas desde a última convenção provém de jovens com uma forte identificação com o perfil ecossocialista e anticonservador do Bloco. Apesar das dificuldades do movimento estudantil, tem aumentado o número de camaradas com responsabilidades associativas, tal como a presença de jovens se destaca, tanto nas frentes feminista ou LGBTQI+ como na intervenção em campanhas transversais como a da habitação. O Bloco reforçará as iniciativas dirigidas à juventude, incluindo os acampamentos Liberdade, o InconFormação e outras.